

HELIO MARTINS JR.

**REFÊM DA
MEMÓRIA**

**ACREDITAR EM SUAS
VERDADES PODE
SER PERIGOSO**

Copyright © 2022 by Helio Martins Jr.
Todos os direitos reservados.

Book advisor: Eduardo Viegas Meirelles Villela
Coordenação editorial: Eduardo V. M. Villela
Revisão: Joaquim Maria Botelho
Diagramação e projeto gráfico de miolo: Helio Martins Jr.
Arte de capa: Helio Martins Jr.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Juliana Farias Motta CRB7/5880

M386r Martins Jr, Helio

Refém da memória: acreditar em suas verdades pode ser perigoso / Helio Martins Jr.. -- 1.ed. -- São Paulo: [s.n.], 2022.

144 p.; 16 cm x 23 cm

ISBN: 978-65-87369-12-9

1.Ficção brasileira. 2.Ficção policial brasileira. I.
Título: acreditar em suas verdades pode ser perigoso

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira
2. Ficção policial brasileira

Para enviar comentários sobre o livro ou adquirir mais exemplares,
escreva por favor para o e-mail: contato@heliomj.com

Para minha família e amigos,
sempre me incentivando
a seguir meus sonhos.

O maior prazer da ficção é nos
permitir viver outras realidades.

Prefácio

Foi com grande satisfação que li Refém da Memória, o romance de estreia de Helio Martins Jr. Quem acompanha de perto a carreira cinematográfica de Helio sabe que ele é um contador de histórias nato. A surpresa positiva foi descobrir que sua habilidade de mexer com nossas emoções extrapola o formato audiovisual. Com grande maturidade literária e com total domínio das técnicas romanescas, o autor nos brinda com um thriller eletrizante que une o melhor do entretenimento com reflexões existencialistas de alto nível.

Já adianto que se você ler o primeiro capítulo de Refém da Memória, você irá seguir sem pausa até o final. Foi o que aconteceu comigo. Devorei esse livro em uma tacada só, tamanha foi minha curiosidade pelos mistérios da narrativa protagonizada por Lucas, um homem desmemoriado que acorda no vagão do metrô sem saber quem é, o que fazer e para onde ir. Até gostaria de comentar mais sobre o enredo, mas temo estragar as surpresas que estão por vir. Sabe aquele título que promove reviravoltas profundas a cada capítulo? É o que temos nessa leitura!

O mais legal de Refém da Memória é a característica híbrida de sua trama. Essa obra pode ser vista como um thriller existencialista, um drama psicológico, uma aventura onírica, um suspense de ação (e põe ação nisso!), um romance policial noir ou mesmo uma ficção sobre realidades alternativas. Impossível não gostar de uma combinação com essa riqueza, né?



Por qualquer ponto de vista, Refém da Memória se destaca pela força narrativa e pelo clima de tensão dramática. Essa publicação possui um enredo sagaz, excelente ambientação, cenas muitíssimo bem construídas, linha narrativa que valoriza a ação, personagens multifacetadas e história com surpresas que se sucedem até a última página. Ao mesmo tempo, somos levados a refletir sobre o conflito do protagonista, um indivíduo perturbado pelo choque entre a realidade nua e crua e os desejos latentes da sua imaginação fértil. Afinal, por qual caminho seguir? A resposta não é nem um pouco fácil.

Esse primeiro romance de Helio Martins Jr. é tão saboroso que ficarei torcendo para o cineasta-escritor não priorizar apenas o cinema daqui para frente. Sei que sua grande paixão é a sétima arte, o que o faz pensar, respirar e esboçar rotineiramente novos roteiros. Porém, a literatura brasileira também precisa de autores talentosos e que saibam cativar os leitores.

A vontade que tenho é que Helio mescle, a partir de agora, a produção de novos longas-metragens ao desenvolvimento de mais romances. É um exagero da minha parte um pedido como esse?! Ao ler Refém da Memória, você entenderá minha empolgação e, na certa, se juntará à minha torcida por novos títulos literários de Helio Martins Jr.

Boa aventura!

Ricardo Bonacorci é crítico literário do Bonas Histórias



Introdução

Este é meu primeiro livro de ficção, apesar de não ser a minha primeira história. Eu gosto muito de ler e o fascínio pelo cinema me fez investir o meu tempo no desenvolvimento de roteiros e direção de filmes. Mas hoje me arrisco a contar uma história sem o uso dos recursos audiovisuais.

Recentemente, em uma das minhas redes sociais, compartilhei uma frase do diretor norte-americano Steven Spielberg, na qual ele dizia que sonha acordado o tempo todo. Eu me identifiquei muito com essa frase, pois por diversas vezes me vejo observando uma situação e dali desenvolvo na mente uma história. Desde criança, com meus heróis, bonecos e soldados de brinquedo, eu criava uma história para cada dia, como naquelas séries de TV dos anos 80, em que cada episódio era uma aventura nova, com velhos personagens.

Tenho diversos argumentos, roteiros e ideias escritas esperando para serem filmados, mas produzir um filme envolve grande mobilização de pessoas, já que é um trabalho coletivo. Sem falar do dinheiro necessário, muito dinheiro. Por isso, como cineasta independente, sempre optei por materializar aquelas histórias mais viáveis, do ponto de vista econômico. Com isso, já produzi dois longas metragens, *Invasão* (2014) e *Trabalho Sujo* (2018).

Mas daí veio a pandemia e tudo parou. Em março de 2020, eu tinha três projetos, em fases embrionárias, que tiveram que ser adiados para um momento oportuno. No drive do meu computador, a pasta de “ideias” está sempre transbordando e mais ideias entram quase que diariamente, principalmente em 2020, quando vivemos a distopia no planeta Terra.

Muitos colegas me perguntam: “E aí? Já tem ideia do próximo filme?” Imediatamente respondo: “Ideias eu tenho muitas, só não tenho dinheiro para materializá-las. Queria ter mais dinheiro e menos ideias, assim eu conseguiria produzir mais filmes”. Todos riem, afinal é verdade, mas por um ponto de vista mais intimista também é bem triste.

Eu compartilhei toda essa história sobre filmes por um motivo simples: resolvi transformar alguns dos meus roteiros em livros, que originalmente foram pensados para serem filmes ou séries de TV. Afinal, o cinema sempre se inspirou na literatura, por que não podemos fazer o contrário? Roteiros que não são filmados só ocupam espaço na gaveta. Mas um livro publicado dá vida para a história, permite que ela seja compartilhada, lida e discutida. Essa é a beleza da literatura – seu acesso quase que universal.

A diferença entre a literatura e o cinema é que um filme entrega ao público tudo pronto, o personagem, os cenários, trilha e os efeitos especiais. Em um livro, todas essas sensações dependem do cérebro do leitor; toda a “magia” acontece lá dentro, com exclusividade. A mente passa a ser o set de filmagens e a ilha de edição que materializa o conteúdo. Por isso, ao pegar um dos meus roteiros e



adaptar para um livro, tentei trabalhar elementos que permitam que a imaginação do leitor providencie o elenco, o figurino e o cenário, com bases em suas próprias referências pessoais e imagéticas. Não sei se consegui, mas tentei.

“Refém da Memória” vem do meu desejo de contar uma história de suspense em um estilo noir, com direito a cenário urbano decadente, chuva e crime.

Na tela ou no papel, não me apego aos rótulos ou ao formato, porque, independente deles, eu sou um contador de histórias. Quem irá dizer se valeu a pena doar um pouco do seu tempo para assistir aos meus filmes ou ler meus livros é o público, a quem espero conseguir colocar dentro do universo imaginário da ficção.

Boa leitura!

Helio Martins Jr.
Novembro de 2021



I

Gritos, ameaças e o som ensurdecido de tiros ecoaram por todo o ambiente. Homens com toucas “ninja” agrediram os clientes do Banco e os intimidaram com tiros para o alto. Com violência e sem qualquer piedade, um deles pegou uma funcionária pelos cabelos e a jogou no chão. Inconformado com tamanha covardia, Lucas tentou ajudá-la, mas o assaltante se assustou com a atitude repentina do refém, apontou a arma e atirou. As pessoas ao seu redor gritaram.

* * *

Lucas acordou assustado, suado, dentro do metrô. Ele estava sentado e percebeu que acabara de ter um pesadelo. Após o susto inicial, olhou ao redor. Observou algumas poucas pessoas sentadas naquele vagão. A respiração, ofegante, aos poucos foi voltando ao normal.

Passou a mão na boca, para ver se não havia babado durante o sono e, em seguida, levou a mesma mão até o seu rosto pálido para tirar a franja que incomodava os olhos. O contraste das olheiras com a pele clara talvez fosse resultado de noites mal dormidas.



Olhou o seu reflexo no vidro da janela do trem e com a própria mão penteou os cabelos lisos e levemente grisalhos, bem bagunçados. Uma leve dor de cabeça o incomodava, principalmente quando olhou para a luz do sol que entrava pela janela do trem, naquela típica tarde de primavera. Imediatamente colocou as mãos para proteger os olhos, até que conseguiu se acostumar com a claridade.

Percebeu a presença de um homem de terno, alto, de pele morena e cabelos brancos, que o observava, encarando-o diretamente nos olhos e com um sorriso estranho. Perturbado com o aquele comportamento, Lucas desviou o olhar e evitou encarar o sujeito.

Apesar de mais calmo, notou algo de errado. Uma coisa bem mais assustadora do que o seu recente pesadelo o incomodava. “Pra onde estou indo?”, pensou. Confuso, olhou para o relógio e novamente sondou todos à sua volta. Passageiros, imersos em seus celulares, não percebiam nada de estranho na viagem. Porém, o homem de cabelos brancos o encarava sem parar, o que o perturbava ainda mais. “Eu conheço esse cara? Por que ele me olha tanto?”, pensou ele, ao mesmo tempo que desviava o olhar. Afinal tinha outras preocupações.

Lucas não sabia para onde estava indo e começou a pensar no trabalho. Ficou ainda mais confuso. Não se lembrava também da sua profissão, nem onde era o seu local de trabalho, ou mesmo se tinha um emprego. Na verdade, aos poucos notou que não sabia nada. Sua mente estava completamente vazia. Não sabia onde morava, no que trabalhava, para onde estava indo, ou mesmo o que



fazia ali. “Onde eu moro? Será que tenho uma casa? Ou sou um indigente dormindo nos transportes públicos da cidade?”. Refletir sobre essas questões faziam lhe estampar no seu rosto uma aparência caótica e amedrontado. Olhou para sua calça jeans, os sapatos esportivos e para o blazer que vestia. Descartou a hipótese de ser um morador de rua. Apesar da confusão mental, ele tinha definições claras do que era o seu mundo. Sabia que, se estava dentro do metrô, é porque devia estar indo para algum lugar. Ao perceber suas roupas, sabia diferenciar um indigente de uma pessoa com recursos. Pelo ponto de vista social tudo fazia sentido, porém não sabia nada a respeito de si mesmo.

Concluiu que tinha um problema de memória, mas que não afetava seu conhecimento mundano, pelo menos, não totalmente. Começou a pensar de modo mais racional, para tentar controlar a ansiedade que crescia dentro de seu peito.

Colocou a mão em um dos bolsos do blazer e sentiu dois papéis dobrados. Pegou um deles. Era um bilhete, escrito à mão. Pela delicadeza, tratava-se de letra de mulher. Rapidamente pensou: “Sou casado? Ou seria esse bilhete da minha mãe? Mãe... Mas ela morreu há mais de 20 anos. Além disso, não sou tão jovem”. Ao lembrar da sua idade, 46 anos, também se recordou da perda da mãe, do enterro, da triste despedida, da depressão do seu pai, que nunca mais fora o mesmo.

Rapidamente afastou aquelas lembranças e focou a atenção em questões práticas. Concentrou-se no texto do bilhete e o leu: “Se tiver uma crise, me ligue, na agenda do celular ache o nome



EMERGÊNCIA”.

“Estou doente!”, deduziu ele, em meio ao pânico e aos outros diversos pensamentos que saltavam na sua mente: mãe, metrô, casamento, pesadelo, trabalho, ajuda. Respirou fundo para se acalmar e procurou o celular, que achou no bolso da calça. Mas deixou cair o outro papel que estava segurando. Com o trem em movimento, o papel dobrado foi em direção ao homem de cabelos brancos, que gentilmente o apanhou. O trem entrou no túnel e a forte luz do dia foi trocada pelas luzes artificiais do vagão. Lucas sentiu novamente uma leve dor de cabeça e, ao abrir os olhos, percebeu que o homem já estava de frente para ele, com a mão estendida e lhe entregando o papel.

– Obrigado! – disse Lucas, com um sorriso amarelo.

– De nada. Tá tudo bem com você?

Lucas apenas acenou um “sim” com sua cabeça.

– Precisa de ajuda? – insistiu o homem.

– Não, obrigado.

Eles trocaram olhares por alguns segundos, até que o metrô parou e o indivíduo desceu para a estação, sorrindo para Lucas, que, por sua vez, voltou a sua atenção para o celular, ignorando o



homem completamente.

Lucas pressionou a tela do smartphone, onde surgiu a data e horário (14h22). Logo abaixo estava a previsão do tempo, com um ícone que indicava pancadas de chuva ao final do dia. Quando viu o botão “desbloquear”, ele o pressionou para acessar a agenda. Porém o sistema pedia uma senha de quatro dígitos. Olhou fixamente para o celular por um tempo, depois fechou os olhos e levou a cabeça para trás, em um esforço inútil para lembrar a senha. No bilhete escrito à mão, buscou na frente e no verso alguma indicação, mas não encontrou nada que revelasse a senha.

Ficou irritado e a ansiedade fazia disparar suas batidas cardíacas. Lembrou do outro papel, aquele que havia caído e que ainda não tinha lido. Talvez ali houvesse alguma dica para desbloquear o celular. Rapidamente procurou nos bolsos até o encontrar. Abriu e viu que era uma intimação. Estava sendo convocado para ser testemunha em uma ação judicial. Comparou a data da audiência com a data que aparecia no celular e constatou que se tratava daquele mesmo dia. No documento constava a ordem e as orientações para que ele comparecesse ao Fórum no horário das 17h30.

Imediatamente, pensou, “Estou indo testemunhar. Mas testemunhar sobre o quê?”. Mais dúvidas surgiram com aquele documento. Seu desejo era ir para casa, porém não sabia onde morava, e achou mais prudente ir até o endereço da intimação. Pelo menos havia conseguido achar um “norte” e dali poderia descobrir algo sobre sua vida ou sua condição.

Ficou no trem por mais um tempo e, então, pensou: “Preci-



so descobrir como chegar até o Fórum”. Desceu para a estação seguinte e andou desorientado pela plataforma sem saber para onde ir, sem saber o que fazer. No canto da plataforma, viu uma funcionária do metrô e teve uma ideia.

Aproximou-se da jovem negra de uniforme, de uns 30 anos, com um rádio na mão, dando instruções em códigos, que somente os funcionários do sistema saberiam decifrar. Ele esperou que ela terminasse a conversa pelo rádio para se aproximar.

– Oi, desculpe... Você pode me ajudar?

– Claro, pois não? – respondeu ela, com um sorriso.

– Estou indo para esse Fórum – Lucas apontou para o endereço que estava na intimação – Qual estação fica mais próxima?

A funcionária olhou com atenção, pensou e após alguns segundos em silêncio, disse:

– Esse endereço fica na zona sul. O senhor tem que continuar nessa linha por mais quatro estações, acessar a linha norte-sul e descer na estação São Gabriel. Creio que até o Fórum dá uns 10 minutos andando a pé.

– Obrigado. Muito obrigado – agradeceu Lucas, sorrindo.



Agora, pelo menos, sabia para onde ir, mas ainda não tinha ideia de o que ia fazer lá. Uma enorme “nuvem” de dúvidas pairava sobre ele. Antes de continuar, decidiu tentar ligar para o seu contato de emergência. Queria descobrir mais detalhes ou informações que o fizessem lembrar quem ele era e qual o motivo de ser testemunha em um processo judicial. Deu alguns passos e se distanciou da funcionária, depois pegou o celular. Ficou alguns segundos ali, parado, olhando para tela, tentando se lembrar da senha para desbloquear o aparelho.

– Aqui não funciona! – alertou a funcionária do metrô, que se aproximou sem que ele percebesse.

– Oi? Não entendi.

– Aqui embaixo, o celular não funciona. Esta é uma das estações mais profundas da rede. Só do lado de fora o senhor vai conseguir um sinal.

– Ah! Entendi... Não faz muita diferença, eu esqueci a senha. – disse Lucas, com um sorriso acanhado.

– Meu avô nunca memoriza a dele, por isso esconde a senha dentro da capa do celular. Nada seguro, né? Mas ele não ouve a gente.

A mulher riu e se despediu.



Lucas observou a funcionária se afastando, depois mirou o celular. Ficou pensativo por alguns instantes. Então, resolveu abrir a capa do aparelho. Viu uma etiqueta pregada com a palavra “sapato”. Duvidoso, observou aquela etiqueta, que não dizia nada, além de “sapato”. O homem tinha mais perguntas do que respostas para aquele dia tão bizarro. A senha era numérica, não permitia a inserção de letras, era impossível escrever a palavra “sapato” para desbloquear o aparelho.

Sentou-se cabisbaixo em um banco da estação para esperar o próximo trem, sentiu forte desejo de voltar para a cama, queria ir para casa, mas não sabia como. O trem se aproximava da estação, quando instintivamente Lucas olhou para os próprios sapatos. O metrô abriu as portas, mas ele não entrou. Olhou a sola de um dos sapatos, viu que calçava o número 40, pegou novamente o celular e digitou 4040. A tela foi desbloqueada.

Lucas sentiu um alívio imediato, quase deu um grito de satisfação, mas se controlou, deixando transparecer apenas um largo sorriso. Foi até a agenda do celular e procurou pelo contato “EMERGÊNCIA”. Emocionado, teclou sob o nome e levou o aparelho ao ouvido, com as mãos trêmulas. Mas ouviu a mensagem da operadora, que dizia não ser possível realizar chamada.

“Idiota! Aqui embaixo não tem sinal!”, xingou a si mesmo, irritado, guardando o celular no bolso.

As portas do trem se fecharam, o trem partiu e Lucas permaneceu na estação. Rapidamente, foi na direção da saída, subindo cinco longas escadas rolantes. Atravessou a roleta e, do lado de



fora, ventos fortes e nuvens escuras anunciavam a chuva. Ele pegou o celular novamente, acessou a agenda e discou para o contato de emergência. Cada chamada na linha era uma eternidade para ele. Afinal, do outro lado da ligação haveria uma pessoa que poderia ajudá-lo.

– Alô? – disse a voz feminina do outro lado da linha.

– Oi... sou eu...

Nesse momento, um grupo de garotos de rua sorrateiramente tomaram-lhe o celular e um deles empurrou Lucas para o chão. Ele se levantou assustado e procurou localizar os três garotos. Eles tinham a faixa etária de dezesseis anos e correram com facilidade no meio da multidão, mostrando toda a experiência no crime, adquirida nas ruas. A multidão os camuflou no horizonte populoso da metrópole.

Lucas correu atrás deles, enquanto tentava localizar um policial, mas não encontrou nenhum. Virou uma esquina e já não era mais possível enxergá-los. A gangue sumiu em meio aos carros. Lucas olhou para todas as direções, em vão. Entrou em algumas lojas, desnortado. Perguntou em uma banca de jornal se alguém havia visto os trombadinhas. Ninguém o ajudou.

O celular era sua única esperança de contatar ajuda. Sem ele, ficou ainda mais isolado em sua amnésia, afogado no mar de perguntas que lhe brotavam na mente perplexa. Sozinho, perdido e



afastado demais da estação do metrô, resolveu voltar.

Chegou à dura conclusão de que a única esperança estava no Fórum. Precisava chegar à audiência, para ter condições de descobrir mais informações, saber onde morava ou pedir ajuda para entender o que estava acontecendo naquele dia tão estranho.



**Gostou?
Quer ler mais e ficar
sabendo o destino de Lucas?**

**O livro Refém da Memória pode
ser adquirido nas lojas:**



acesse todas as lojas em:
www.heliomj.com/livro